

# ENTRE FRONTEIRAS E TRINCHEIRAS: CONFLITOS POLÍTICOS E ANTAGONISMO DE GÊNERO NO MOVIMENTO HIP HOP

## BETWEEN FRONTIERS AND TRENCHES: POLITICAL CONFLICT AND GENDER ANTAGONISM IN THE HIP HOP MOVEMENT

DOI: 10.15668/1807-8214/artemis.v20n2p160-170

### Resumo

As desigualdades de gênero vividas pelas jovens mulheres que participam do movimento *hip hop* repercutem sobre os posicionamentos políticos adotados por elas em seus enfrentamentos, passando a adotar distintos tipos de conflitualidade com os jovens homens e até mesmo entre elas. Este estudo, de caráter qualitativo e inspiração etnográfica, contou com diferentes métodos de coleta, tais como as observações dos eventos e dos blogs e entrevistas com as jovens participantes de dois coletivos liderados por grafiteiras. Localizamos conflitualidades entre as jovens que se posicionam como 'feministas' e as que se posicionam como 'femininas' e que passaram à condição de adversárias políticas em meio aos estilos distintos de participação da mulher no *hip hop*. A problematização dos conflitos de fronteira e trincheira nos levou a considerar a dinâmica entre conflitualidade política e antagonica e suas repercussões para as bandeiras e práticas ético-políticas do movimento *hip hop* em relação ao movimento feminista.

**Palavras-chave:** Movimento *hip hop*. Juventude. Gênero. Feminismo. Participação

### Abstract

Gender inequalities experienced by young women participating in the hip hop movement affect the political positioning adopted by them in situations of confrontation, exposing them to different types of conflicts with young men and even among themselves. This study, of qualitative nature and with an ethnographic inspiration, used different methods for data collection, through the observation of hip hop events, critical reading of blogs and interviews with the young participants of two groups led by graffiti artists. We identify conflicts between two groups of young women - one of them identifying themselves as 'feminists' and the other one as 'feminine women'. Thus, these groups became political opponents among the different styles of female participation in the hip hop context. The questioning of border conflicts led us to consider the dynamics of politics and antagonistic conflict and its repercussions for the flags and ethical-political practices of the hip hop movement in relation to the feminist movement.

**Key-words:** Hip hop movement. Youngsters. Gender. Feminism. Participation.

---

**Dra. JAILEILA de A. MENEZES**

UFPE, Brasil

email:jaileila.araujo@gmail.com

**Dra. MÔNICA R. COSTA**

UFPE, Brasil

email:morodrigues.costa@gmail.com

**RENATA P. dos S. MOURA**

Mestranda do PPGE/UFPE

E-mail: repaulasmoura@hotmail.com

**TÁBATA de L. PEDROSA**

Mestranda do PPGSS/UFPE

E-mail: tabatapedrosa@hotmail.com

## Introdução

Desde o ano de 2007 nos colocamos a pesquisar o campo-tema movimento hip hop, o que nos levou a atentar para as interações sociais, os diálogos, a polifonia, os argumentos, materialidades e conflitualidades exteriores e interiores ao hip hop. Nosso interesse pelas fronteiras dentro/fora, interior/exterior ganhou uma conotação especial em meio ao desenvolvimento de pesquisas<sup>1</sup> sobre as questões de gênero neste movimento nas cidades de Recife e Caruaru.

Estas questões ganharam para nós pelo menos dois planos de visibilidade: um relativo à desigualdade nas oportunidades de participação entre jovens homens e jovens mulheres; e outro, relativo ao antagonismo entre jovens mulheres que se posicionavam como ‘feministas’ e jovens mulheres que se posicionavam como ‘femininas’, que passaram à condição de adversárias políticas em meio aos estilos distintos - e afirmados como inconciliáveis - de participação da mulher no movimento hip hop. Abordamos o conflito de gênero, a partir da metáfora de *fronteira* e *trincheira* para tratar das estratégias de enfrentamento e as conflitualidades que delas emerge. Reconhecemos as potências e riscos em ambas as estratégias e conflitualidades, pois imprimem nas relações de gênero uma dinâmica de oposição e de complementariedade. A potência da *fronteira* está em visibilizar o conflito de interesses entre jovens homens e mulheres, em termos de igualdade de gênero, mantendo em aberto o campo de negociação com o opositor, correndo o risco de não provocar mudança nos referentes ético-políticos do movimento hip hop. O conflito de *trincheira* contribui para trazer à tona a distância entre o ideal da igualdade presente no campo ético-político e as práticas de dominação prevaletentes entre jovens homens e mulheres. Há nessa estratégia o poder de provocar mudança nas relações de poder; contudo, as consequências são mais desafiadoras, pois podem implicar na constituição de um não-lugar, para as que instauram um conflito antagônico.

O presente texto dedica-se a discutir as relações de gênero no âmbito do *hip hop* em interface com a participação política de jovens mulheres e com os desdobramentos do feminismo para a agenda deste movimento social.

Acerca da juventude é importante mencionar que, para além da questão geracional e da marcação etária, as especificidades culturais, de raça, de classe, de gênero, dentre outras, dos/as jovens são relevantes para desconstruir a noção de que há uma juventude ‘universal’, isto quer dizer que “ser jovem é sempre uma condição transitória, é uma travessia, uma passagem sinalizada não só por algumas peculiaridades físicas, sem dúvida, mas também por atributos que são históricos e socialmente construídos” (CASSAB, 2001, p. 63).

<sup>1</sup> Pesquisa “Juventude e Gênero no Movimento Hip Hop” (APQ-FACEPE 09/2010); “Juventude Hip Hop e Política: reflexões sobre gênero e participação social” (CNPq-20/2010).

Neste caso, estamos colocando em evidência uma juventude pobre, homens e mulheres engajados/as em um movimento social, que utiliza a rua como locus privilegiado para suas expressões em diferentes linguagens: visual, musical, corporal. Esta especificidade da expressão da juventude hip hop no espaço público (rua) é uma das marcas do debate de gênero, dada à incidência do binarismo público/privado e masculino/feminino para dizer da situação de restrição à participação das mulheres nos espaços públicos de convivência.

Dialogamos com a perspectiva relacional de gênero (SCOTT, 1995) por sua proposição de análise das relações sociais como solo para o entendimento das desigualdades que sustentam privilégios de alguns em detrimento de outros. Não se trata *per se* da diferença sexual, mas do modo como as sociedades significam essa diferença, estabelecendo desigualdades entre homens e mulheres.

Gênero é aqui tematizado como relação política, que ocorre num campo discursivo e histórico de relações de poder. O gênero enquanto produção discursiva é um efeito da linguagem, produzido e gerado a partir de discursos, e não a partir da biologia. Assim, o gênero não apenas descreve construções sobre corpos materiais, naturais e preexistentes, pois os corpos também são produções discursivas, já que o “o que aparece exposto no corpo não é separado do discurso que o situa” (PEREIRA, 2005, p. 133).

No âmbito do movimento hip hop as desigualdades são vividas como diferenças em torno da participação, das oportunidades de partilhar ou disputar com outros/as ideias, princípios, valores. Dai a pertinência de problematizar politicamente as questões de gênero, pois é a “natureza do político, (...) que inscreve a questão do poder e do antagonismo em seu próprio centro” e, as práticas políticas configuram um tipo de relação de poder (MOUFFE, 2005, p.19). No movimento hip hop as práticas políticas ganham feições culturais.

Os/as jovens recorrem a manifestações artístico-culturais como modo predominante de comunicar suas experiências geracionais. É por meio dessas expressões que esses/essas falam sobre a sociedade contemporânea e suas relações de poder, sobre suas perspectivas de vida e (d)esperanças de futuro.

Neste artigo nos interessa refletir sobre os posicionamentos políticos adotados pelas jovens mulheres do movimento hip hop, em meio à conflitualidade com os jovens homens e, inclusive entre elas. Traçaremos um percurso que colabore para expor os desafios à participação das jovens em diálogo com as questões de gênero e o feminismo. Em nosso percurso metodológico, as informações produzidas ao longo das pesquisas de 2010 a 2014 resultaram do uso de diferentes métodos de coleta, tais como mapeamento, observações dos eventos, entrevistas e a análise dos blogs.

Acompanhamos, via observação em blog e em eventos presenciais, a ação política de dois grupos liderados por jovens mulheres e que entram em conflito entre si. As pesquisas de caráter qualitativo inspiraram-se na tradição da abordagem etnográfica, em sua modalidade presencial e virtual (VERGARA, 2005), recorrendo a diferentes instrumentos para registro de informações, diário de campo, conversas informais e entrevistas.

A estética e a funcionalidade dos blogs foram consideradas nas pesquisas como o cenário em que as observações ocorreram, o que diz da necessidade de sua descrição. Além disso, no ciberespaço os blogs se enquadram nos critérios utilizados por Kozinets (1997) para reconhecer uma comunidade virtual enquanto tal, a partir da seleção dos seus membros, que consta de quatro itens: 1) familiaridade entre indivíduos, 2) comunicações não-anônimas, 3) grupos com linguagens, símbolos, e normas específicas e, 4) comportamentos enquadrados nas fronteiras de dentro e fora do grupo.

Diante dos aspectos observados e levando em consideração os critérios retratados construímos um protocolo de observação sintonizado com a especificidade dos contextos presencial e virtual. Produzimos diários de campo, relatos das conversas informais e tabela analítica considerando a dinâmica de postagem e as características específica dos blogs, conforme modelo abaixo.

Blog			
Data e número da observação:			
Página observada: MC			
Descrição da página	Conteúdos	Cópia de Trechos Escritos/Imagens/notícias/	Observações

Em nossa argumentação expomos os conflitos presentes no movimento em relação às jovens que assumem posicionamentos *feministas* e as que assumem posicionamentos considerados “*femininos*”. Por fim traçamos algumas considerações não conclusivas sobre a questão.

### Movimento Hip Hop: De que e de quem se trata?

O *hip hop* surgiu nos EUA, assentado territorialmente nos subúrbios de Nova York, em bairros como Bronx, Harlem e Brooklyn, locais em que a população – particularmente afrodescendente e latina - sofria com as discriminações sociais e étnico-raciais. Caracterizado como manifestação político-cultural, que denuncia as dificuldades enfrentadas em contextos de pobreza, violência e racismo e alinhado com a luta pelos direitos civis dos negros (*Black Panthers*, Martin Luther King, Malcon X), o *hip hop* utiliza os elementos culturais do *rap*, MC, DJ, *break* e grafite como instrumentos de denúncia, de protesto, de “passar a mensagem”. A esses elementos agrega-se o componente

ético-político do conhecimento e da sabedoria, aspectos fundamentais para a sustentação do processo de luta por justiça social almejada pelo movimento.

O movimento chega ao Brasil e ganha adesão dos jovens das periferias das cidades, especialmente em razão de seu diálogo com outros movimentos culturais (black, funk) nos fins dos anos 1970 e início dos anos 1980, que questionavam as assimetrias de poder racializadas, defendiam a positividade de sua negritude e a construção de identidade coletiva. Deste modo, o movimento hip hop se constitui em mais um espaço de produção político-social dos jovens, que se conflita com as estruturas definidas como pseudo promotoras da equidade social (FERRO, 2008).

Ribeiro (2006) ressalta que a gênese daquilo que viria a ser chamado movimento *hip hop* no Brasil surge no momento da eclosão dos denominados “novos movimentos sociais”, que passam a incorporar questões como as de gênero e raça no processo de constituição de um novo modelo de sociedade, mais pluralista, democrática, participativa e cidadã, criando novas formas e práticas de exercício político reivindicatório.

O autor destaca que o discurso e a prática do movimento são desenvolvidos de forma que, pela via dos elementos político-culturais, atue como um (re)construtor de identidades pessoais e coletivas, ao realizar em espaços públicos urbanos, formais ou não, a discussão sistemática da participação da população negra no processo histórico de formação do Brasil. Contraindo-se assim ao padrão de exclusão racial e social, também presente no processo de ocupação urbana nas cidades brasileiras em geral (RIBEIRO, 2006).

Tal prática política visa enfrentar o racismo e a violência policial, problematiza a organização sócio espacial urbana excludente de nossas *Polis*, cujos efeitos são a segregação, a fragilidade e precariedade da infraestrutura, e do acesso a bens e serviços. Destaca-se como fator relevante de sua ação político-social a sua capacidade de aglutinar jovens. O movimento *hip hop* tem se revelado como uma das expressões organizativas, articuladoras e mobilizadoras das juventudes negra e pobre na atualidade, através da prática de seus elementos, os/as jovens acionam questões do campo político-social, cultural, entre outras, construindo uma leitura crítica sobre as desigualdades sociais (SILVA, 2011).

Segundo Silva (2011), o *hip hop* é uma manifestação cultural que se propagou em todo o mundo, disseminando as referências políticas e artísticas da cultura negra norte-americana, mas, em cada contexto, faz fusão com pautas e expressões locais, o que proporciona sua (re)criação permanente. No Brasil, conquista destaque nos anos oitenta, sendo que, em São Paulo e a partir do final desta década, se expande para o nordeste brasileiro. Como se trata de um movimento oriundo das ruas (espaço público) é composto ainda por um público hegemonicamente masculino (COSTA & MENEZES, 2009).

Há registros de participação das mulheres a partir da década de noventa nos vários elementos, contudo, com pouca visibilidade. As possibilidades de participação das jovens estão marcadas por padrões mais ou menos arraigados de uma ordem sexual moral restritiva, que dificulta a circulação das mulheres no espaço público (CORDEIRO, 2007). Os obstáculos à circulação dificultam a inserção e manutenção das jovens no movimento. O binômio casa-rua, tão bem descrito por Damatta (1997), conforma historicamente as mulheres ao espaço do lar, dos cuidados, da privacidade e naturaliza a presença dos homens nos espaços públicos (MENEZES-SANTOS, 2011).

Há demanda por igualdade de direitos à participação entre homens e mulheres jovens no movimento hip hop, que se afirma pautado na justiça social. Localizamos tais demandas a partir da observação, verbalização e mesmo denúncia de assimetrias de poder. As mulheres passaram a problematizar as hierarquias que sustentam mais respeito e mais poder aos homens e a exclusão delas dos espaços decisórios. Pudemos acompanhar reuniões do movimento em Recife, onde mesmo em minoria, as jovens pautaram questões de gênero e reivindicaram cotas, para garantir a participação das mulheres nos eventos político-culturais. Instauraram um debate influenciado por bandeiras feministas de modo a comprometer o movimento com a articulação das demandas por justiça social e emancipação das mulheres.

O processo de construção de conhecimento feminista por parte das mulheres tem implicações nas trajetórias individuais e coletivas, com potencial para transgredir limites, transitar por espaços anacumênicos<sup>2</sup> e borrar as fronteiras entre questões privadas e públicas. Isso ocorre porque o feminismo afirma-se como movimento social e teoria, pois dialoga com outros movimentos e contribui para a crítica das relações desiguais de poder que marcam a produção e legitimação de determinados saberes. Podemos destacar sua contribuição para desestabilizar a objetividade, neutralidade e os essencialismos na produção do conhecimento, além de elaborar importantes categorias críticas de análise e ampliação das temáticas como os estudos da mulher, estudos feministas, estudos de gênero e relações de gênero. E em sua faceta política, problematiza e conflitua as relações sociais e a cultura.

Para o desenvolvimento de nossa análise, recorreremos aos estudos de gênero como “um *corpus* de saberes científicos, que têm por objetivo proporcionar categorias e metodologias para análise das representações e condições de existência de homens e mulheres (...)” (YANNOULAS, 1996, p. 17). Os estudos de gênero

colaboraram para nossa compreensão acerca das relações entre jovens (homens-mulheres; mulheres-mulheres) participantes do movimento hip hop.

Nos projetos de pesquisa “Juventude e gênero no contexto do movimento *hip hop*” (APQ-FACEPE 09/2010) e “Juventude *Hip Hop* e Política: reflexões sobre gênero e participação social” (CNPq 020/2010) investigamos a participação juvenil e, nela, as relações de gênero entre jovens do movimento *hip hop* da cidade de Recife e Caruaru.

Identificamos ações do movimento hip hop nas seis Regiões Político-Administrativa (RPAs) da cidade do Recife e espaços de articulação específicos onde são debatidos e organizados eventos do movimento, dentre estes, a Associação Metropolitana de Hip Hop, a Rede de Resistência Solidária e vários grupos ou *crews* localizados prioritariamente em bairros da periferia (COSTA & MENEZES-SANTOS, 2007).

Em termos organizacionais, o movimento se articula a partir de uma dinâmica centro-periferia em *crews* ou *posses* (SILVA, 1999), que se caracterizam por ter atuação local (no bairro), desenvolvem oficinas com todos os elementos do *hip hop*, promovem encontros entre grupos, por meio de atividades relacionadas aos elementos artísticos, como os mutirões de grafite e rodas de *Break*, tendo como objetivo divulgar seus ideais, ganhar novos/as adeptos/as e fortalecer o movimento.

Mapeamos diferentes formas de organização, de vinculação com o movimento/elementos, com diferentes perspectivas de engajamento e posicionamento político. Localizamos jovens mulheres que praticam os elementos, com e sem vinculação a grupos de referência, sejam mistos (homens e mulheres) ou exclusivos. Sem dúvida, alguns aspectos chamaram bastante nossa atenção a respeito da presença das jovens em um movimento majoritariamente masculino, com destaque para as tensões enfrentadas por elas com a esfera familiar, no grupo de pares masculino (jovens homens participantes do movimento) e com os parceiros afetivo-sexuais (MENEZES-SANTOS, 2011). No caso do movimento hip hop, chamou-nos a atenção não apenas a pequena presença de jovens mulheres, mas também sua invisibilidade (COSTA, 2013) e a recorrência da desigualdade quanto ao acesso a postos de lideranças, já sinalizada em diferentes movimentos sociais no Brasil em que as mulheres participam.

Em relação à conflitualidade interna entre jovens homens e mulheres a hierarquia saber/poder posiciona as jovens em situação de subalternidade pela via da desqualificação de suas produções artísticas, desconfiança com relação às suas capacidades de liderança política, limitação das possibilidades de criação e circulação de sua arte, comprometendo sobremaneira a afirmação de autoria (COSTA; MENEZES, 2009; COSTA; PEDROSA 2013; MENEZES; MOURA, 2013; SAMICO, 2013).

<sup>2</sup> O termo “espaços anacumênicos” significa espaços onde a vida é excessivamente difícil e transitória; no caso, é usado como metáfora que significa lugares onde a presença das mulheres é especialmente difícil e sua presença depende do empenho em transformar relações de gênero historicamente construídas.

## Localizando as Desigualdades de Gênero e suas repercussões políticas

Foi de fundamental importância para nos aproximar dos/das jovens e conhecer a dinâmica do movimento a adoção da estratégia metodológica de acompanhamento das atividades desenvolvidas pelos diversos grupos, tais como reuniões em posses/*crews*, mutirões, eventos artístico-culturais.

Durante as atividades, ficávamos atentas aos jogos de linguagem verbal e gestual, a ocupação do território por jovens homens e mulheres, os jogos de (in)visibilidade que destacavam a presença de uns em espaços estratégicos como o palco e, a presença de outras sempre na plateia ou no *backstage*, dando suporte às apresentações. Presenciamos, estranhamos, conversamos e registramos nossas impressões em diários de campo e aos poucos fomos entendendo que “ao relatar, ao conversar, ao buscar mais detalhes, também formamos parte do campo; parte do processo e de seus eventos no tempo” (Spink, 2003, p. 25).

Registramos que as jovens quase sempre “acompanhavam” os homens e estavam na plateia, como expectadoras, mesmo as que praticavam algum elemento. Notamos também modulações na participação em relação aos elementos Rap (*rhythm and poetry*), *break* (dança) e grafite. No caso do rap, localizamos jovens que compõem letras com conteúdos críticos em relação à cultura machista e chamam a atenção das mulheres para a reprodução de discursos dessa natureza por elas mesmas. Há hoje maior entendimento de que as letras emitem mensagens para outras pessoas e que essas mensagens podem difundir uma preocupação com as diversas desigualdades vividas pelas mulheres (COSTA, 2013). Na performance da dança, observamos as dificuldades de jovens iniciantes adentrarem a roda de *break* quando a maioria dos participantes é de homens. Em geral, as rodas de *break* são momentos de disputa e competição entre grupos, o que reforça o uso de movimentos de força e impulso, e justamente essas características visam desqualificar a participação delas.

O grafite tem sido um elemento catalisador das demandas das jovens da cidade do Recife, que falam em nome de si e de outras mulheres, instaurando no interior do movimento uma ética do cuidado, de si, do outro, da cidade e investindo em performances públicas que desafiam as jovens a ocupar o espaço urbano, enfrentando seus temores com relação à circulação nas cidades e borrando os códigos sociais restritivos.

Nesses enfrentamentos cotidianos das jovens grafiteiras o *hip hop* apresenta-se como uma referência identitária, um contexto significativo de problematizações sobre os diversos temas que transversalizam a condição juvenil em nossa sociedade: as desigualdades sociais, a participação política, escolarização, emprego, relações afetivo-sexuais, violência, consumo entre outros. Acaba sendo um referente semiótico para a subjetivação e

posicionamento dos/as jovens a partir de suas bandeiras ético-políticas de união, paz, liberdade e justiça (COSTA & MENEZES, 2009).

Ao longo das atividades que acompanhamos e das vivências de empoderamento proporcionada pelo grafite, notamos que as jovens vinculadas e esse elemento se destacaram como grupo de maior presença nos espaços de discussão e decisão política, protagonizando conflitos com os jovens homens e, inclusive questionando, a efetividade dos referentes ético-políticos acima expostos no interior do movimento.

As dificuldades de participação vivenciadas pelas jovens evidenciaram o conflito político de gênero, o que resultou na elaboração de algumas estratégias. Os jovens homens restringem a circulação de informação sobre eventos evitando assim a presença delas nos processos de decisão sobre aspectos conceituais (pautas) e logísticos (lugar, dia, hora, parceiros) das atividades. Um efeito inesperado foi a redução da participação em geral e a desarticulação momentânea de uma atividade de grande potência de convocação, enraizamento, visibilidade e politização da arte do grafite que é o mutirão<sup>3</sup>.

As jovens por sua vez investiram em articular eventos para se aperfeiçoar na técnica do grafite, se fortalecer como artistas urbanas, produzindo e divulgando sua arte nos espaços físicos e virtuais. De um modo mais posicionado politicamente constituíram dois coletivos liderados por grafiteiras e que tem garantido a convocação, engajamento e participação de jovens de diferentes elementos.

O Coletivo 1<sup>4</sup> foi criado, sobretudo, com a finalidade de fortalecer a mulher que participa do *hip hop* de Recife e Região Metropolitana, pretende reunir artistas em geral em um espaço coletivo, “onde possam trocar ideias, experiências e produzir eventos, encontros, diálogos e oficinas ligadas ao gênero, buscando sempre combater o preconceito contra o trabalho e a arte feminina.” (Blog Coletivo 1, 2014). Além de incentivar a produção cultural e a valorização profissional e pessoal entre as mulheres. As jovens também destacam que esse é “um grupo feito por mulheres que usam a arte para expressar a cultura e alcançar a cidadania através do *hip hop*, potencializando a mulher como protagonista em ações importantes para a sociedade”. Em sua própria definição chama à atenção a qualificação da arte como feminina, o que, em certo sentido, diz de uma marca ou essência da produção reconhecida como

3 O mutirão se configura, como acontecimento rotineiro na vivência do(a)s jovens integrantes do movimento hip hop, momento em que se reúnem em uma determinada comunidade para discutir pautas que lhes são relevantes com ênfase no uso do grafite, sem excluir o rap e break. Costuma ocorrer mensalmente no último domingo organizado por seus membros.

4 Mantemos aqui a designação Coletivo 1 e 2 em substituição ao nome verídico do grupo para evitar identificação

feita por mulheres, o que sugere aspectos transhistóricos e transculturais, com apelo a uma naturalização do feminino.

Este Coletivo utiliza as ferramentas da internet como um importante dispositivo articulador, cujo objetivo é colocá-las em diálogo, promover encontros presenciais e garantir a circulação da informação dos eventos do movimento. Investe em atividades políticas e formativas, tais como: concorrência em editais públicos, de modo a garantir financiamento de suas atividades; planejamento de ações; realização de oficinas nas instituições públicas e comunidades. É recorrente a produção artística inspirada em temáticas relacionadas à cidadania e aos direitos da mulher, na perspectiva do enfrentamento à violência doméstica.

O Coletivo 2 é misto, existe há onze anos, e tem como perspectiva abrir espaço para debates, eventos, ações, etc. alinhadas às demandas que tem estreita relação com as bandeiras do(s) feminismo(s). Esse coletivo tem como liderança uma jovem que se posiciona politicamente como feminista, e segundo ela, afirmar isso dentro do *hip hop* é “comprar uma briga das grandes”. Esse coletivo foi formado em 2004, para fomentar espaços de produção artística e diálogo crítico em favor de uma sociedade menos desigual. Valoriza o movimento *hip hop* e outras culturas de rua. Incentiva o intercâmbio de artistas populares e de experiências sociais para uma juventude mais forte e consciente.

As postagens deste Coletivo investem na divulgação da presença das mulheres no grafite, apesar das dificuldades que enfrentam em estar na rua. Utiliza uma gramática denunciadora das desigualdades de gênero ainda presentes no movimento, como sexismo, patriarcado, invisibilidade das mulheres, preconceito quanto ao grafite feito por elas, posicionando-se politicamente no campo feminista.

Este contato preliminar com as informações e chamadas contidas nos blogs dos Coletivos nos levou a investir em uma análise mais detalhada desse espaço, dada a grande adesão da juventude em geral a comunicação virtual e também pelo uso estratégico para as jovens mulheres do Hip hop. As observações em eventos nos indicaram frequentemente as censuras, desqualificações, contenções a que as jovens estavam submetidas. Notamos, contudo, que em meio virtual o confronto não é imediato, o que torna esse espaço interessante para veiculação de idéias, trocas e oportuniza outra forma de participação para jovens em diferentes condições de acesso a cidade.

A palavra *blog* vem da abreviação de *weblog* - *web* (tecido, teia, também usada para designar o ambiente de Internet) e *log* (diário de bordo, registro). É uma espécie de diário online que permite que os usuários registrem diversos conteúdos, que ficam disponíveis em ordem cronológica, com a vantagem de reservar um espaço para comentários dos leitores (BOEIRA, 2009).

A possibilidade de comunicação rápida e de grande alcance faz atualmente da Internet um importante instrumento de articulação e comunicação das organizações da sociedade civil, movimentos sociais e grupos de cidadãos (MACHADO, 2007). As jovens fazem uso desse espaço (*blog*), sobretudo, para divulgar suas produções. No caso dos Coletivos 1 e 2 notamos que o elemento grafite é o mais enfatizado, pois suas líderes são vinculadas a esse elemento (MOURA; MENEZES, 2013).

Em meio ao cenário de desigualdades vivenciadas na relação com os jovens homens, as jovens mulheres acionam estrategicamente a internet para fortalecer sua autoria artístico-cultural e ocupar com maior segurança os espaços públicos. A ocupação do meio virtual não significa abdicar do espaço físico, mas desafiar os códigos de gênero relativos à restrição da circulação das mulheres e potencializar a visibilidade delas.

A esse respeito, Samico (2013) informa que no caso particular das mulheres do *hip hop* a transgressão e a luta pelo direito à liberdade de expressão, à educação e à cultura tem maior potência através da participação em grupos ou *crews*, que atuam destacadamente nos espaços da rua, áreas de grande circulação: praças, parques, avenidas, escolas, comunidades, tornando notória a presença das mulheres na esfera pública.

No caso do acompanhamento virtual, os blogs dos Coletivos 1 e 2 apresentam características de comunidades virtuais, segundo classificação de Kozinets (1997): 1) as jovens se reconhecem como produtoras culturais no Movimento Hip hop, portanto, indivíduos familiarizados entre si; 2) toda postagem é identificada, assim como suas produções político-culturais e, não-anônimas; 3) as participantes do blog e do movimento hip hop partilham sua estética (linguagens – verbal, corporal, visual) e a produção de símbolos, e de sua ética (princípios e valores compartilhados) e; 4) comportamentos de manutenção do enquadramento das fronteiras de dentro e de fora do grupo.

Tomando tais critérios como referência, notamos que o *blog* do Coletivo 1 reúne mulheres do movimento hip hop, sua chamada de boas vindas é emblemática, “Sejam bem vindas - Mulheres do hip hop de PE”. Possui nove páginas fixas, cada uma com conteúdos diversos e relativos à sua proposta de divulgação e articulação entre elas. Seu design possui uma plataforma simples, não muito trabalhada. As cores e detalhes fazem alusão ao que se construiu historicamente como “mundo feminino”. A cor de rosa choque é presente em todo o blog, com detalhes em lilás, flores, e outros elementos. Em suas páginas, do lado direito tem um conteúdo flutuante, que durante algum tempo foi a respeito do concurso da logomarca do blog, com as propostas de arte que concorreram ao concurso.

O blog do Coletivo 2 apresenta-se com cores neutras, fundo cinza com colorido para a nomeação do grupo, no qual há tom sobre tom; visualmente é ainda mais simples que o blog do Coletivo 1, possui uma única página

na qual se sucedem as matérias e, na coluna a direita *links* de ONG's feministas e de luta contra a discriminação racial. A primeira postagem faz referência a uma matéria sobre a presença das mulheres na arte do grafite e na postagem seguinte o coletivo divulga pautas dos direitos sexuais e reprodutivos mostrando sua sintonia com a agenda dos movimentos sociais, que lutam pelos direitos de grupos historicamente oprimidos (mulheres, gays, lésbicas). Ao longo da página podemos situar postagens de uma série de atividades do movimento hip hop na cidade do Recife e Região Metropolitana.

Uma análise preliminar da composição estética dos blogs nos leva a propor uma distinção entre os posicionamentos políticos de convocação e provocação. No blog do Coletivo 1 há um investimento numa interface convidativa ao sujeito mulher/feminino, em referência a necessidade de articulação e visibilidade das jovens por espaços de produção artística, nesse sentido, predominam fotos de eventos, com destaque às grafiteiras em processo de produção e exposição de suas obras. No blog do Coletivo 2 predomina uma interface com tom provocativo, menos visual, pautado na veiculação de textos sobre temas comumente invisibilizados no movimento hip hop, como a questão da diversidade sexual e não apela a um sujeito definido ou prioritário para a ação política. Este Coletivo tensiona duplamente o movimento hip hop: com as mulheres, que se afirmam femininas, porque demarca um posicionamento político feminista; e com os homens, porque aborda questões que são polêmicas no campo relacional do movimento hip hop.

Interessante observar que as jovens que se posicionam como femininas não necessariamente se opõem ao feminismo, podem até reconhecer as conquistas que este movimento trouxe para as mulheres, principalmente no campo do trabalho, na divisão do trabalho doméstico, entre outros aspectos. Mas não podemos deixar de pensar que o fato de se confrontarem com as feministas pode ter relação com o que Albernaz e Adrião (2010, p.5) denominam de "feminismo mau", aquele que sustenta a disputa de poder, apontando a dominação masculina, e principalmente direcionando sua ação política para alterar a definição de masculinidade e de feminilidade.

Este movimento é feito pelas feministas. Aquelas que são consideradas mal amadas, feias e lésbicas. Ou seja, aquelas que publicamente alteram as definições de feminilidade que as mulheres devem procurar ter para serem o tipo mais valorizado e ideal de mulher. Qual seja, a mulher que compreende, que é compassiva, que não disputa poder nem autoridade com o homem.

As questões de gênero no movimento criam pontes para a tensão entre feminismo e mulheres. A partir do acompanhamento desses dois coletivos, identificamos a instauração de conflitualidade de natureza diversa.

Tomando como referente a cultura machista dominante no movimento hip hop, um dos coletivos se posiciona em termos de conflito antagônico (de trincheira), que propõe a ruptura com tal cultura e o outro produz um conflito político (de fronteira) (MELUCCI, 2001), na medida em que evita o confronto direto com o adversário, mas sustenta práticas políticas de denúncia à ordem machista vigente.

### **Diante das desigualdades de gênero como podemos reagir?**

Para qualificar os conflitos políticos e antagônicos instaurados pelos Coletivos precisamos dialogar com os princípios ético-políticos do movimento e as expressões artísticas que conformam o seu campo estético, tendo como referentes as produções dos blogs.

Podemos localizar nas postagens dos Blogs posicionamentos convergentes com relação à valorização de ícones raciais com liderança histórica na defesa dos direitos do povo negro, a posituação da estética negra em oposição aos padrões de beleza dominantes, entre outros. Por outro lado divergem no enfrentamento das desigualdades de gênero, em relação a alguns aspectos.

O posicionamento de convocação acionado pelo Coletivo 1 se configura como *conflito político*, que, de acordo com Melucci (2001), não provoca alteração no campo ético-político do movimento hip hop. A defesa da produção artística das mulheres, seu fortalecimento e visibilidade situadas no campo dos direitos e políticas para as mulheres, no entanto, instaura uma competição de interesses, uma vez que, para os jovens homens, a igualdade de participação os afeta, contudo, não provoca fissuras no sistema de referências masculinas predominantes. O que parece não ser objeto de problematização na postura política assumida pelo Coletivo 1 são aspectos das desigualdades de gênero, que sustenta a lógica da masculinidade e feminilidade pela qual cabe às mulheres desenvolver compreensão, cuidado, apaziguamento de conflitos, agregação, busca de consensos, garantia de estabilidade afetiva, entre outros.

A lógica binária acima exposta ganhou visibilidade na atividade realizada em evento na FUNASE feminina – Fundação de Atendimento Sócio Educativo, instituição governamental, que atua junto a adolescentes dos 18 aos 21 anos de idade, envolvidas e/ou autoras de ato infracional. Nessa atividade o tema central foi os Direitos da Mulher, uma vez que o evento decorre de edital público da Secretaria de Direitos Humanos e Segurança Cidadã. Nele o Coletivo demarca sua posição na luta contra a violência de gênero "O Coletivo 1 graffitando pelo FIM da violência contra as mulheres". Esse tipo de conteúdo instaura um conflito político, uma vez que busca agregar às bandeiras de luta originais do movimento hip hop - o combate a violência entre pares (homem-homem), o enfrentamento as desigualdades raciais e sociais – o combate as práticas de violência contra as mulheres.

Também destacamos para análise os objetivos do grupo presentes no blog “(a) *Melhorar as condições socioeconômicas das mulheres negras*, (b) *Difundir o hip hop feito por mulheres*, (c) *Promover formação política e artística através da arte*” (BLOG do COLETIVO 1, 2014). Como se observa, os objetivos estão voltados à constituição do ‘nós’ (para dar visibilidade à presença delas) em oposição estratégica ao ‘eles’, o que tensiona, em alguma medida, os códigos machistas vigentes no movimento hip hop. Esta oposição estratégica abre espaço para negociação como forma de enfrentamento destes códigos, garante a presença das mulheres e força o reconhecimento de sua contribuição para o movimento hip hop.

A ambiguidade deste posicionamento se expressa na produção artística de diferentes grafiteiras nas ruas e nas postagens no Blog. Vários grafites acionam elementos como cores e figuras que fazem alusão ao instituído socialmente como “universo feminino”, uso de traços mais “delicados”, as figuras geralmente são flores, bichos, meninas, mulheres. Talvez à opção pelo instituído queira demarcar a presença da mulher grafiteira no espaço público, por outro nos coloca como preocupação os efeitos de naturalização do ser mulher. Além disso, em conversa informal com Jasmim, a mesma expôs que o Coletivo 1 trabalha com a ideia de direito das mulheres e seu fortalecimento, porém não se configura como feminista.

Tal afirmação é significativa justamente porque se opõe ao posicionamento do Coletivo 2, que assume claramente ser feminista e suas consequências.

Como a maioria são atitudes machistas, acho que (pausa) formações, porque acho que a galera, a galera não, porque a maioria das pessoas que falam são os homens né? Tipo assim: pô eu odeio feminismo!! Ou: não gosto! Eu escuto muito a galera falando do meu grupo por conta disso, e eu acho isso massa, eu acho muito massa, que a galera diz: “Eu não colo com essas meninas”, os boyzinhos dizem: Eu não acho massa essas meninas e não quero que ninguém do meu grupo ande com essas meninas porque são um bando de chatas feministas (ROSA, 2009)

O fato de assumir este posicionamento instaura um conflito de natureza antagônica, pois torna inegociável um princípio básico do feminismo que é a liberdade, inclusive de cunho sexual, o que de fato desestabiliza os códigos machistas presentes no movimento e adotado tanto pelos homens quanto pelas mulheres.

A gente tá realmente lutando pelo que a gente quer, sabe? Que a galera olha assim e não sabe nem o que é feminismo, sabe nem o que é chatice, a partir do momento que tu diz: Não! Não é assim. Não, eu vou pintar aqui porque eu quero pintar aqui ou eu vou pra tal canto porque eu quero, eu vou dançar porque eu quero, eu vou tocar porque eu quero. Aí tu tá sendo chata,

porque tu quer fazer um coisa que tu quer, e não o que os homens querem que tu faça, aí a partir do momento que tu faz isso, aí diz: Ah é feminista, é chata! E eu acho massa que todas as meninas do meu grupo são um bando de chatas feministas, a gente consegue os espaços que a gente quer e tá lutando pra tá em outros que a gente ainda não tá. Então eu acho muito massa! (ROSA, 2009)

A despeito do princípio da liberdade estar pautado pelo movimento hip hop, esta liberdade não está direcionada para as mulheres, pois isto implicaria em eliminar a desigualdade de gênero existente. O trecho de fala acima indica a manutenção histórica da articulação sexo-gênero, que fundamenta a subalternização das mulheres. Quando estas se põe a falar, entenda-se aqui afirmar seus desejos, aspirações, praticar sua liberdade são duplamente desqualificadas “como chatas feministas” o que revela uma produção discursiva de desmérito e negatividade deste posicionamento político.

Nas postagens do Blog deste Coletivo outros elementos provocadores estão inscritos, neste caso, acerca da relação gênero e sexualidade. “Direito de exercer a sexualidade e a reprodução livre de discriminação, imposição e violência. E mais: Podendo ser livre para escolher o/a parceira/o sexual e viver sua sexualidade e expressar sua orientação sexual livremente”. Esse conteúdo traz para o debate quatro princípios fundamentais: integridade corporal, autonomia pessoal, igualdade e diversidade (CORRÊA; PETCHESKY, 1996).

O princípio da integridade corporal aborda as questões de segurança e controle sobre o próprio corpo, articulando as dimensões subjetivas de prazer sexual com a participação ativa na vida social, o que diz de uma apropriação corpórea fundamental a constituição dos limites que visam evitar abusos sexuais (de qualquer nível e em qualquer lugar) e afirmar direitos para expressar e usufruir do prazer sexual de forma diversificada e não estigmatizada.

Para viver a autonomia pessoal as jovens mulheres precisam ser ouvidas em seus desejos e experiências em contextos de confiança e respeito, condições fundamentais para tomada de decisões no campo da sexualidade e da reprodução. Espera-se com isso evitar a solidão e o isolamento que ameaçam o desenvolvimento da autodeterminação e mantêm as jovens em um circuito integrado (HARAWAY, 2009) que reitera a sua subordinação.

Já a igualdade tem que ser pensada nas “relações entre homens e mulheres (sistema de gênero) e as relações entre as mulheres” (CORRÊA; PETCHESKY, 1996, p.165). Trata, portanto, de poder e de direitos; em geral as mulheres são responsabilizadas pela reprodução e pelos cuidados com os filhos, a casa, mas sofrem opressões/restrições quanto a tomar decisões, inclusive entre as

próprias mulheres, quando há hierarquia geracional, desigualdade racial, social e territorial.

Por fim, há que ser considerada a diversidade juvenil, embora no movimento hip hop estamos falando de jovens homens e mulheres das camadas populares, majoritariamente negras/os, há diferenças culturais, religiosas, de orientação sexual, que afetam suas decisões e posicionamentos com relação a gênero e sexualidade. Como a postagem no Blog do Coletivo 2 “vai falar que temos direito a ter relação sexual independente da reprodução. E mais ainda que o sexo seguro não é só opção é direito! Então #BOTACAMISINHA pra gente ser Feliz!!!!”.

Quando em seu Blog não direciona o chamamento para um sujeito político específico (as mulheres), buscam agregar todos e todas na luta por justiça social. Os conteúdos tratados por este Coletivo, seja em suas postagens, falas, grafites impactam no movimento hip hop: “ao afirmarem o feminismo como dimensão fundamental da prática dos movimentos e dos projetos de ‘um outro mundo possível’” comprometido com a tematização constante das dinâmicas de poder em curso, das desigualdades e privilégios sustentados por nossas práticas mais cotidianas.

Não se trata de uma opção por um tipo ou outro de conflito, nem escolha por convocação ou provocação, mas sim mapear as tensões e os enfrentamentos presentes no movimento hip hop a partir dos desdobramentos das desigualdades de gênero.

### Considerações finais

No presente texto empreendemos o esforço de entendimento das posições políticas de jovens femininas e feministas no âmbito do movimento hip hop da cidade do Recife. Compreendemos que estes posicionamentos têm direta relação com a vivência das desigualdades de gênero em um movimento hegemonicamente masculino e machista e, que embora entre suas bandeiras ético-políticas se referencie ações de enfrentamento as desigualdades raciais e sociais, não se faz eco às demandas contra diversas formas de violência de gênero.

A participação das jovens mulheres no movimento implica enfrentamentos cotidianos com os códigos morais de sexo-gênero que regulam a circulação de seus corpos na cidade, no espaço público, lócus por excelência das expressões artísticas e da sociabilidade hopper. Esses códigos também se presentificam no interior do movimento via desqualificação das produções artísticas das mulheres (com contornos específicos em cada elemento artístico da cultura hip hop) e de sua capacidade de exercer liderança política. Desqualificadas em território de intervenção pública direta, as jovens encontram no espaço virtual um importante território de divulgação de seus trabalhos e de articulação política; foi analisando as postagens dos blogs em sua relação com entrevistas e diário de campo que

chegamos ao desenho das posições políticas de femininas e feministas.

Entendemos as oposições entre posição de negociação e antagônica como não fixas, contingentes dentro do contorno atual das práticas discursivas e materiais do movimento hip hop da cidade do Recife. Interessante observar como a equivalência e similaridade de experiências de estigmatização, inferiorização, exclusão e/ou discriminação na produção cultural dos diferentes elementos não pode ser considerada como suficiente para homogeneizar as formas de enfrentamento a essas experiências. Intentamos assim analisar estes diferentes posicionamentos a partir de seus efeitos sobre o campo que os institui, ou seja, quais práticas tem colaborado para desestabilizar as desigualdades de gênero, interromper as situações de subalternização das jovens nesse contexto? Quais práticas políticas têm favorecido leituras críticas a respeito da subalternização em direção a uma compreensão dos processos sociais de opressão, ou melhor, de uma relação de subordinação para uma consciência de opressão?

A consciência da situação de opressão potencializa a leitura sobre os antagonismos sociais, a percepção de fronteiras vividas e experienciadas, não como diferenciações sociais entre grupos, mas como impedimentos sociais e políticos na conquista da equivalência de direitos (LINO, 2015). Quando as femininas adotam como lócus enunciativo a *convocação*, visibilizam o conflito político de interesses entre jovens homens e jovens mulheres do hip hop, o que resulta na busca por iguais condições de participação, mas sem rachar o sistema de referências machista que predomina no movimento. As jovens feministas, por sua vez, ao se afirmarem como feministas, instauram um conflito de natureza antagônica e visibilizam suas experiências de impedimentos sociais e políticos do usufruto da liberdade no âmbito do movimento hip hop. Tornar a liberdade inegociável, nesse contexto, é também convocar o movimento hip hop a uma revisão das práticas em desacordo com suas bandeiras ético-políticas, entendendo as contribuições que o movimento feminista traz para a agenda deste movimento artístico-político.

Indicar os limites práticos do referente ético-político de um movimento implica suportar ficar à margem, ocupar um não-lugar, o que no caso das jovens feministas ganha visibilidade quando são excluídas pelos jovens homens (chatas feministas) e pelas jovens mulheres (mau-feminismo). A dupla exclusão experimentada pelas jovens feministas põe em evidência as fragilidades de nossa democracia, nos provoca a reconhecer as dificuldades de ruptura com a cultura política autoritária brasileira, desfavorável ao entendimento e ampliação do que seja a política, terreno móvel de conflito e consenso.

Talvez a heterogeneidade de posicionamentos (femininas e feministas) estejam a dizer que os problemas que afetam as mulheres não podem ser analisados isoladamente do contexto de desigualdade nacional (a forma

como a democracia se realiza entre nós) e internacional (a forma como somos subalternizadas globalmente). Apontar para o entendimento das desigualdades que vivenciamos em articulação com estes cenários políticos nacionais e internacionais deve ser o aprendizado político necessário ao enfrentamento mais consistente.

## Referências

ADRIÃO, Karla Galvão e MÉLLO, Ricardo Pimentel. As jovens feministas: sujeitos políticos que entrelaçam questões de gênero e geração? ABRAPSO, 2009. Disponível em: < [http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais\\_XVENABRAPSO/133.%20as%20jovens%20feministas.pdf](http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/133.%20as%20jovens%20feministas.pdf)>. Acesso em: 20 de junho 2014.

Albernaz, Ladyselma e Adrião, Karla Galvão. Feminismo e antipatizantes: mudanças corroboradas, movimentos e agentes refutadas. Anais Eletrônicos do Fazendo Gênero 9, Florianópolis, 2010 Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278019892\\_ARQUIVO\\_artigoladyekarlaFG9verso29junho.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278019892_ARQUIVO_artigoladyekarlaFG9verso29junho.pdf)> Acesso em: 19.07.2015

BOEIRA, Adriana Ferreira. Blogs na Educação: blogando algumas possibilidades pedagógicas, Disponível em: <<http://tecnologiasnaeducacao.pro.br/wp-content/uploads/2015/07/Art-9-vol1-dez-20091.pdf>> Acesso em: 19 de janeiro de 2013.

CASSAB, Maria Aparecida Tardin. Jovens pobres e o futuro: a construção da subjetividade na instabilidade e na incerteza. Nitéroí, Intertexto, 2001.

COSTA Mônica R. As Sutilezas de Gênero: A Arte no Enfrentamento das Desigualdades. Anais Eletrônicos do Fazendo Gênero 10, 2013. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386764017\\_ARQUIVO\\_MonicaRodriguesCosta.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386764017_ARQUIVO_MonicaRodriguesCosta.pdf)> Acesso em: 25.03.2015

COSTA, M. R. & MENEZES, J. A. Juventude e Gênero no contexto do movimento *hip hop* da cidade de Recife. Relatório Técnico Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq - 2007-2009.

COSTA, M. R. & MENEZES, J. A. Os Territórios de Ação Política de Jovens do Movimento *Hip-Hop*. Revista Em Pauta, volume 6, Número 24, Dezembro de 2009.

Cordeiro, Rosineide. Gênero em contextos rurais: a liberdade de ir e vir e o controle da sexualidade das mulheres no Sertão de Pernambuco. Em JACÔ-VILELA, Ana M.; SATO, Leny (Orgs.) Diálogos em Psicologia Social. ABRAPSO SUL, Porto Alegre: Evangraf, 2007.

CORRÊA, Mariza. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. Dossiê: Feminismo em questão, questões do Feminismo. Cadernos Pagu (16); pp.13-30, 2001.

CORRÊA, Sonia ; PETCHESKY, Rosalind. Direitos Sexuais e Reprodutivos: uma Perspectiva Feminista. PHYSIS: Revista Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 6 (1/2): 147-177, 1996.

DAMATTA, Roberto A. A Casa e a Rua. Rocco Ed. São Paulo, 1997.

FERRO, L. O graffiti mediador. Reflexões sobre as metamorfoses da prática em três cidades. In: VELHO, Gilberto. DUARTE, L.F.D.(Org.). Juventude Contemporânea. Culturas, gostos e carreiras. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

HARAWAY, Donna. Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2009.

LINO, Tayane R. O Lócus enunciativo do sujeito subalterno: fala e emudecimento. Revista Anu. Lit., Florianópolis, v.20, n.1, p.74-95, 2015.

MACHADO, Jorge Alberto S.. Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais. Sociologias, Porto Alegre, n. 18, Dez. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-45222007000200012&lng=en&nrm=i so](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222007000200012&lng=en&nrm=i so)>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2013.

MENEZES-SANTOS, J. de A. Juventude e gênero no contexto do movimento *hip hop* de Caruaru. Plano de Trabalho, PIBIC/FACEPE- 2011.

MENEZES, Jaileila de Araújo; MOURA, Renata Paula dos Santos. (Re)Desenhando Projetos de Vida: O Caso das Jovens Grafiteiras da Cidade do Recife. XXVIII Congresso da Associação Latino Americana de Sociologia - ALAS, 2011. Disponível em: <<http://www.anais.alas2011recife.com/>>. Acesso em: 10 de nov. de 2012.

MOURA, Renata Paula dos Santos; MENEZES, Jaileila de Araújo. Relatório Final de Atividades do/da Bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Ciência e a Tecnologia do Estado de Pernambuco. PIBIC/FACEPE, 2011.

MOURA, Renata Paula dos Santos; MENEZES, Jaileila de Araújo. Práticas educativas e questões de gênero em um coletivo de jovens mulheres do movimento *hip hop* de Recife. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em

Pedagogia, Universidade Federal de Pernambuco, 2013. Disponível em: [http://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao\\_pedagogia/pdf/2013/\\_renata\\_tcc%20final.pdf](http://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/pdf/2013/_renata_tcc%20final.pdf). Acesso em: 20 de novembro de 2013.

PEDROSA, Tábata de L.; COSTA, Mônica R. “...De Sua Arte Aprendi Que A Mulher É Mais Do Que Casa E Fogão!” Reflexões Sobre Jovens Mulheres e Participação no Movimento Hip Hop. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Serviço Social, Universidade Federal de Pernambuco, 2013.

PEREIRA, Lucia Serrano. Estéticas da anatomia, ficções da diferença: Uma quase resenha. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 28, 2005.

RIBEIRO, C. C. R. Novas formas de vivências nas Polis brasileiras? A ação transformadora da realidade urbana brasileira pelo movimento hip hop, 2006. Disponível em: [http://www.usp.br/fau/eventos/paisagemeparticipacao/movimentossociais/A02\\_hiphop.pdf](http://www.usp.br/fau/eventos/paisagemeparticipacao/movimentossociais/A02_hiphop.pdf)>. Acesso em: 12 dez. 2011.

SAMICO, Shirley de L. Lideranças femininas e feministas: um estudo sobre a participação de jovens mulheres no movimento *hip hop*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Antropologia, 2013

SILVA, Áurea Carolina de Freitas. Mulheres jovens e o problema da inclusão: novidades no II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres. In: PAPA, Fernanda de Carvalho e SOUSA, Raquel. (Org.) Jovens Feministas Presentes. São Paulo: Ação Educativa: Fundação Friedrich Ebert; Brasília: UNIFEM, 2009. SILVA, Lucia Helena Ramos da. Os sentidos de apropriação da cidade por jovens grafiteiros/as. Recife, 2011. 127 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Psicologia, 2011.

SILVA Wenderson F. da; COSTA, Mônica R. A Internet como ferramenta de lutas dos Movimentos Sociais na Contemporaneidade: O Blog Cores Femininas- Entre os Desafios e Possibilidades do Ciberativismo. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Serviço Social, Universidade Federal de Pernambuco, 2014

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. 2. Ed. Recife: SOS CORPO, 1995.

SPINK, M.J. Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano aproximações teóricas e metodológicas. Rio de Janeiro: Cortez, 2004.

YANNOULAS, Silvia Cristina; VALLEJOS, Adriana Lucila; LENARDUZZI, Zulma Viviana. Feminismo e academia. Traduzido do espanhol por Syomara Deslandes Tindera. Revista brasileira Estudos pedagógicos. Brasília, v. 81, n. 199, p. 425-451, set./dez. 2000.

YANNOULAS, Silvia C. Educar: ¿una profesión de mujeres? Buenos Aires: Kapelusz, 1996.

MOUFFE, Chantal. Por um modelo agonístico de democracia. Dossiê Democracias e Autoritarismos. Revista De Sociologia & Política Nº 25: 11-23 Nov. 2005

KOZINETS, R. V. O campo atrás da tela: Usando etnografia de Marketing Pesquisa em Comunidades Online, 2002 Disponível em: <http://www.marketingpower.com/content18255.php>> Acesso em 15 de nov. 2013

MELUCCI, Alberto. A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas. Tradução: Maria do Carmo Alves Bonfim – Rio de Janeiro, Petrópolis: vozes, 2001.

MORAES, Denis. O ativismo digital. 2001. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/moraes-denis-ativismo-digital.html>> Acesso em 01 jun. 2014

PEDROSA, Tábata de L.; COSTA, Mônica R.; De sua arte aprendi que a mulher é mais do que casa e fogão!” Reflexões sobre jovens mulheres e participação no movimento Hip Hop. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Serviço Social, Universidade Federal de Pernambuco, 2013.

VERGARA, Sylvia Constant. Métodos de pesquisa em Administração. São Paulo: Ed. Atlas, 2005. pags. 73- 195

Recebido em agosto de 2015  
e aceito em novembro de 2015